



O céu do teatro

Eugenio Barba

Um amigo me aconselhou: “devido a este honor que te confere na Estônia, um país que nunca visitaste, deverias fazer um discurso profético. Deverias falar do teatro como Pátria”.

Notando minha reação céptica, ele citou a frase de um grande ator contemporâneo, Carmelo Bene, falecido há alguns anos. Diz ele: *nulla patria in propheta* – não há nenhuma pátria no profeta. Inversão paradoxal da antiga máxima evangélica: *nemo propheta in patria*, ninguém é profeta em sua pátria.

Cada um de nós possui pelo menos sete vidas, tantas como dizem terem os gatos. Porém, entre minhas sete vidas, não está a de profeta. Não podendo nem pregar, volto a refletir uma vez mais sobre a única realidade na qual me reconheço: a casa que habito.

Os teatros são humildes casinhas, inclusive quando possuem salas decoradas de ouros, estuques e veludos. Sempre rústicas e pequenas, se as compararmos com a imponência dos espetáculos que povoam gloriosamente nossa “sociedade do espetáculo”. O teatro está fora de tudo isto. Periferia? Ilha de Liberdade? Exílio que ao longo do tempo se torna deprimente?

– Não estarás farto do teatro, portanto de quase cinquenta anos?

No transcurso dos últimos meses, três pessoas diferentes me formularam esta pergunta com mais ou menos estas palavras. É normal quando uma pessoa se apresenta como um velho de cabelos brancos. Dois de meus interlocutores eram inexperientes, quase desalentados diante da escolha de serem atores. O terceiro era um colega mais velho do que eu.

Aos três respondi que não estou farto. A pressão do trabalho me pesa mais do que antes, mas, como compensação, aumentou minha paciência. Sei que é somente uma questão de tempo, e cedo ou tarde, inclusive, os nós mais intrincados do ofício encontrarão uma solução. A maioria das vezes é uma solução sensata que permanecera escondida. Em raras e felizes ocasiões é uma (via de) saída por obstáculos que pareciam insuperáveis. Apesar dos muitos anos na profissão, continuam se abrindo para mim, de vez em quando, vias imprevistas, ao longo das quais torno a ser um estreado no umbral de novas experiências. Caminhos “jovens” me tiram das espáduas e dos ossos a sensação de cansaço.

Eugenio Barba é encenador e diretor do Odin Teatret. Discurso proferido por ocasião da entrega do título de Doctor Honoris Causa, conferido pela Academia de Música e Teatro da Estônia, Dalin, 27 de maio de 2009. Tradução de J. Guinsburg.

- É verdade que não estás cansado, farto? Para ser sincero contigo, não creio em ti.
- E no entanto assim é.
- Por quê?
- Seria um longo discurso. Quanto tempo você me dá para te responder?
- Um par de palavras.
- Então te direi: porque no teatro vejo o céu.
- Ridículo!
- O ridículo é a riqueza do teatro. Seu mistério.

Ele lançou uma pergunta quase irrisória:

- O ridículo é um mistério do teatro, ou é seu mistério que é ridículo?
- Tanto um como outro.
- Faça-me o favor de me explicar isso.

Eu lho expliquei contando-lhe uma fábula. Na esquina de uma praça, em um povoado onde as pessoas vivem fora a maior parte do tempo, há um pequeno teatro de títeres. Ali se representa uma história antiga: a trágica vida de Orestes que vinga seu pai, matando o padrasto usurpador e, cego de furor, apunhala sua mãe. A vingança é considerada um dever do guerreiro, porém o matricídio é um delito sem absolvição. Orestes teme que a cólera dos deuses caia sobre ele. Escruta o céu para adivinhar o castigo que lhe será dado. A morte? A loucura?

Enquanto o títere Orestes tenta dirigir sua mirada para além do telão azul do céu que esconde a morada dos deuses, eis que aqui se desata um desses temporais imprevistos que estalam no verão nos países quentes. O teatrinho é sacudido pelo vento, o cenário desmorona e se desprende o papel azul que representava o céu. E, desprendendo-se, não revela nada ao títere Orestes. Lá, acima, não há nenhuma divindade sentada sobre uma nuvem ou sobre os cimos dos montes. Orestes continua olhando à espera de respostas, porém só vê um vazio.

A idade dos Mitos terminou e inicia-se a da Razão nua. Orestes torna-se Hamlet.

- Nada mal!

- Diz meu velho colega.
- Foi você que inventou esta história?
- Não, ela é contada por uma personagem de *O Defunto Matias Pascal*, uma novela de Pirandello. Não acho que Orestes seja o representante do mundo antigo e Hamlet, o expoente de crise da consciência moderna. Estão sempre presentes simultaneamente. Esta simultaneidade de contrários é para mim o teatro.
- Quer dizer que você, como diretor, observa seus atores como se fossem os diretores de seu teatro mental? Isto seria o *Céu*, para ti? O *Céu* que o teatro te fez ver?
- Meus atores são as *duas* caras da lua captadas por uma *só* mirada. Sinto, como um relâmpago, as contradições da “realidade”. Assim como ela é – e não como eu a imagino. E posso trabalhar sob esta mirada com técnicas de artesão.
- Por isto você sustenta que não se farta fazendo teatro, apesar da rotina inevitável da busca constante de dinheiro e do fato de ter que recomeçar sempre de novo?
- Exatamente: apesar de tudo isto.
- Diga-me: como você definiria o *Céu*?
- Em um par de palavras?
- Sim, só um par.
- Aquilo que me protege da vida.
- E o teatro?
- Idem.
- Então você crê nos deuses!
- Sim, mas somente nos deuses descritos.

Não exagero dizendo que o teatro é o que me protege da vida. Penso que ele não é apenas um ofício, mas é também um exíguo e infantil microcosmo no qual posso viver outras vidas. Seu vulnerável espaço de ficção e o fato de ser jogo, *play*, *spiel*, *jeu*, nos empobrece ou nos abençoa? Sua Arte, que não deixa formas perduráveis, é de verdade uma arte menor, ou um exercício de conhecimento que pode transcender a arte?

Hoje, o teatro tem muitas naturezas. Porém, nenhuma pode criar o proverbial monu-



mento “mais duradouro que o bronze”. Mais além de qualquer objetivo e sentido que cada um dá à natureza do teatro que faz, nosso trabalho não permanece, porém estabelece as relações. Suas raízes são as relações, tanto antes como depois do espetáculo, entre aqueles que fazem teatro e aqueles que assistem: relações entre o passado e o presente, entre a pessoa e a personagem, entre as intenções e o ato, entre a história e a biografia, entre o visível e o invisível, entre os vivos e os mortos.

O microcosmo do teatro não se nutre dos êxitos. Os triunfos ocasionais são somente a espuma da indiferença circundante quando golpeia a praia de nossas ilhotas teatrais. Não-lo ensina a experiência. Assim como o explicou, certa vez, com palavras pungentes, Vasili Vasilicht Svetlovidov, o ator protagonista de *O Canto dos Cisnes* de Tchekhov. Ele adormeceu no camarim e acordou na solidão do teatro abandonado pelos atores e pelos espectadores. Só encontrou como único companheiro o ponto da companhia, acostumado a viver debaixo do cenário como um rato, porém um rato jovem, entusiasmado pelos milagres da cena. Para ele, Svetlovidov, protagonista de comédias e derrotista na vida, desdobrou sua sabedoria: a sacralidade da arte é uma patranha, ela só é delírio e engano.

Assim como é delírio e engano o constante lamento sobre a decadência do teatro, sobre sua falta de congruência com respeito ao espírito dos tempos, sobre sua condenação a permanecer sempre uma oficina artesanal com um complexo de inferioridade em face das grandes indústrias do espetáculo, temeroso de ser varrido de um só golpe.

Os teatros não são apenas oficinas, edifícios imponentes ou casebres em ruínas em que se refugiam e habitam nossas necessidades mais obscuras. São casas pequenas, sim, porém com muitas escadas.

Do que se nutrem os microcosmos dos teatros? Não de tecnologia, mas de técnicas pessoais. Técnicas pequenas, a mãos nuas, não solitárias e vividas em comum. Por isto, concretamente, dão vida a pátrias em miniatura. Os ventos das aclamações e os dissensos passam, mas as relações e as técnicas, se se orientam a partir de nosso valor interno próprio, de nossas mitologias e superstições, são capazes de opor resistência, de entrar em contato com o exterior e de romper o isolamento. Sempre e quando não se satisfaçam os primeiros passos e não se limitem aos primeiros degraus, sobre os quais, por curto tempo, se sintam muitas vezes aqueles que amam o teatro e o desfrutam, mas sem alimentar seu descontentamento. Como quando se come sem ter fome e se bebe sem ter sede, que para Baudelaire e Artaud constituíam pecados capitais para quem quer que seja chamado às artes.

As técnicas pessoais do teatro são escadas, afundam e sobem. Quando tem estas escadas, nossa casa é infinita.

Penso em certas casas antigas, pobres, dos povoados do Sul da Itália, ameaçadas pela umidade, privadas de conforto, cheia de sombras, com janelinhas que parecem temer o calor e a luz e encerram fora as paisagens luminosas do mar e dos olivais. Casas em que se vive apertado e onde muitas vezes a intolerância recíproca de quem as habita, dá à vida cotidiana a angústia da reclusão. Mas, em cada uma delas, uma escada pequena, enegrecida pelo tempo, conduz a um teto chato, no qual se pode permanecer de pé: um terraço sem balaustrada, que obriga a estar alerta porque basta um passo em falso para cair.

Uma casa com um teto chato em que impera o céu. E na qual se pode dialogar consigo mesmo, perdendo-se com a mirada no horizonte.

Semelhante a esta casa é para mim, em uma só palavra, o teatro.